

O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO FRACASSOU

A artilharia que estava acampada no alto de Almada rendeu-se ontem às primeiras horas da manhã.—Os chefes da revolta presos a bordo do "Pero de Alenquer".

As insinuações de António Maria no Parlamento

A atitude do proletariado e de "A Batalha" perante os acontecimentos

Seria desnecessário *A Batalha* marcar a sua atitude perante o movimento revolucionário que fracassou. A nossa posição, delineada pelo proletariado consciente agrupado na C. G. T., é sempre a mesma perante as escaramuças de carácter político—quer elas triunfem, quer fracassem. Somos independentes, estamos fora da política burguesa por muito radical que ela se nos apresente. Não colaboramos em revoluções que tenham por objectivo apenas substituir os homens que estão à frente do regime capitalista, sem modificar os seus alicerces. Não seguimos homens, defendemos ideias. Os homens, mais corruptos, menos corruptos, que nos têm governado são para nós fruto do ambiente que respiramos, consequência do regime capitalista estabelecido. Substituir os homens não traz a felicidade ao povo. Substituir o regime de opressão capitalista por um estado de cousas baseado nas ideias socialistas que defendemos, de forma que o operário possa, por intermédio das suas organizações de classe, influir na marcha da coisa pública—é o nosso ideal. Tudo que não seja uma transformação de carácter profundamente social não merece o nosso apoio. Desavenças de políticos são para nós um espectáculo a que assistimos serenamente para tirarmos dos acontecimentos as lições que nos aproveitem e para nos habituarmos a conhecer os homens que nos governam ou querem governar.

A revolução que teve ontem o seu triste epílogo em Almada não teve, nem poderia ter nunca o nosso apoio. Nem sequer sabíamos quais eram as intenções dos revoltosos. Das suas intenções apenas houve dois sinais imperfeitos: uma proclamação pauperrima de ideias e de gramática onde sobejavam os termos retumbantes e umas entrevistas concedidas pelo sr. Martins Júnior aos jornais, cuja afirmação mais saliente era a do fusilamento dos homens implicados no caso Angola e Metrópole. Ora, nós nunca compreendemos que o fusilamento de meia dúzia de homens resolvesse qualquer problema social ou moral. E neste caso do Angola e Metrópole, em que tanta gente tem responsabilidade e tanta gente se acoberta sob um manto já muito suspeito de honestidade, não sabemos quais eram os certos os criminosos que o sr. Martins Júnior desejaria fuzilar. Se a revolta triunfasse, nós que já conhecemos os políticos de ginjeira, como popularmente se diz, temos a impressão de que entre mortos e feridos alguém haveria de escapar.

Mas a revolta fracassou. Não houve fuzilamentos. Houve dissabores para os vencidos, pelos quais temos sempre simpatia, devido—note-se bem—à sua situação de vencidos e não porque concordemos com as ideias que preconizam. Mas para quem vai toda a nossa abertura e franca simpatia é para os soldados, para os que obrigados a obede-

cer, vítimas de uma disciplina intolerável, se vêem, sem bem saber porquê, repentinamente envolvidos nestas zaragatas sem ideal nem finalidade, cujas consequências sofram duramente.

Não se depreenda, porém, desta nossa leal exposição de ideias que a nossa discordância das arruaças políticas do género da que vem de fracassar implica, de longe ou de perto, qualquer concordância com o predomínio político de António Maria da Silva, chefe do Partido Democrático, que acaba de sair mais poderoso, mais forte, mais intolerável, da pequena batalha de tiros de canhão sem grandes consequências travada anteontem. Só lamentamos que os revoltosos tivessem contrabuido, sem o desejar, com o seu fracasso para o engrandecimento de um poder que vive do arbítrio, que acoberta escândalos e domina um país faminto e oprimido que deseja Liberdade e Pão.

O nosso combate ao Partido Democrático não afrouxa, continua. Mas não julgemos que a nossa luta visa a auxiliar os vencidos de agora como a nossa crítica aos vencidos agora não oculta tampouco a intenção de ajudar os que indevidamente nos governam.

Somos contra todos os políticos, somos contra o Estado capitalista. Combatemos o regime em globo, porque em globo o desejamos derrubado—para sossego e prosperidade dos que trabalham honestamente.

A rendição dos revoltosos

O «reporter» de *A Batalha* não se deu-tou. Nestas ocasiões o jornalista não dorme. Ontem de manhã já se faziam carreiras de vapores para a outra margem. Os jornais da manhã começavam a ser apreçados. *A Batalha* era procurada avidamente. Circulavam os boatos mais contraditórios. Que os revoltosos estavam triunfantes, que várias corporações militares em Lisboa iriam intervir a favor dos revoltosos, etc., etc.

Nenhuns dos boatos se confirmou, afinal. Ao romper da manhã as forças fiéis ao governo preparavam-se para iniciar o cerco aos revoltosos. Mas quando as forças do governo iam começar o ataque, uma praça do grupo de artilharia da Escola de Vendas Novas, enviada pelo comandante militar dos revoltos, entregou um bilhete dirigido ao tenente sr. Alberto de Figueiredo, comandante da secção da G. N. R. de Almada.

O bilhete era concebido nestes termos: Enviado por Manuel de Lacerda de Almeida, geometra.—Ex.º sr. Alberto de Figueiredo.—Creio ser este o nome com que v. ex.ª se apresentou no seu convite a que não pude dar o meu assentimento, então, pelo facto de ter compromissos de honra a que eu pela minha parte continuaria a responder.

Como porém, de facto nada se dá daquilo que se estabeleceu para outras individualidades e até ao nascer do sol já se não dá, estou pronto a parlamentar para evitar mais efusão de sangue.—Manuel de Lacerda de Almeida, geometra.

O tenente Figueiredo, logo que recebeu este bilhete, fê-lo chegar às mãos do comandante da coluna de combate aos revoltos.

Pouco depois foi enviada a seguinte resposta:

Ex.º sr. Manuel de Lacerda de Almeida.—O ex.º comandante das forças que ocupam esta vila, a quem mostrei o bilhete de v. ex.ª, encarrega-me de dizer que transmite à pessoa que chefiar os elementos militares que mandou suspender até nova ordem qualquer acção agressiva desde que até às 8 horas e 30 minutos se tenham recolhido a entregar sem condições, garantindo-se neste caso a protecção das suas pessoas.—Alberto de Figueiredo, tenente da G. N. R.

Perante esta resposta o sr. Martins Júnior e Lacerda de Almeida parlamentararam, por intermédio de alguns jornalistas que no local se encontravam, com as tropas fiéis. Acabaram por se renderem sem condições.

A entrega dos revoltosos

Os duzentos soldados debaixo de forma e aos vivos à República Radical avançaram, deixando as armas e as munições. Os srs. Martins Júnior e dr. Lacerda de Almeida entregaram também as suas pistolas.

Os soldados largaram as armas dentro da igreja e a G. N. R. de Almada tomou conta delas. O dr. Lacerda de Almeida vestiu-se à paisana. E o sr. Martins Júnior exclamou, para o sr. Faria Leal:

—Repare v. ex.ª que eu, com vinte homens, trouxe para a rua a unidade de artilharia mais disciplinada do nosso exército!

Contados os duzentos soldados de Vendas Novas, e formados a quatro, o sargento Pauleta disse-lhes:

—Levante a cabeça, porque não têm de que se envergonhar.

E Martins Júnior gritou:

—Viva a República! Abaixo os traidores!

Todos os prisioneiros corresponderam a este brado.

E a marcha para a prisão começou—marcha através do campo, até ao Porto Brandão, onde todos embarcaram para bordo do transporte «Pero de Alenquer».

De Almada até ao embarque, os soldados iam formados a quatro, dando vivas à República. Ao lado, seguiam os dois chefes revolucionários e atrás uma força de cavalaria da G. N. R.

No Porto Brandão, compareceram três oficiais de Vendas Novas que ali haviam sido presos, na altura do levantamento.

Pouco antes, cerca das 11 horas, no cais da Parceria dos Vapores Lisboenses desembarcaram do vapor «Vitória» onze presos civis escoltados por uma força de infantaria 16. O seu estado de miséria confrangeia.

No mesmo vapor regressaram de Almada parte das forças da G. N. R. e de infantaria 16 que tinham seguido para aquela localidade a fim de combater os revoltosos.

O que se passou em Monsanto

Na serra de Monsanto foram postadas várias forças, anteontem, ao cair da tarde, depois reforçadas por contingentes de várias armas, para ali enviadas na previsão de se dar, nalgum outro ponto, qualquer incidente.

Na Cruz das Oliveiras, que se vem tornando uma posição clássica para as forças governamentais, em caso de revolução, postaram-se duas peças de artilharia 3, com a competente guarnição e ainda um esquadrão de cavalaria e duas companhias de infantaria 1.

Estas forças apareceram ali já próximo da noite. Chovia torrencialmente, o que dificultou imenso a colocação conveniente das peças. Por fim, montado o serviço de segurança e estabelecida a ligação com um esquadrão de cavalaria da G. N. R. que, com uma bateria de artilharia 3, havia tomado posição junto da Ajuda, e estabelecidos postos de vigilância nos sítios denominados Montes Claros e Estrangeira, as tropas prepararam-se para passar a noite aguardando os acontecimentos.

Não foram graves estes. Apenas cerca das 22.30 se fez ouvir um vivo tiroeiro. A chuva tornava a escuridão impenetrável, e o mau humor dos soldados estava a par do tempo agressivo que fazia. Os tiros ouviram-se destinados a repelir um ataque, iniciado à pedrada e a tiro, contra os postos avançados.

Repellido o «ataque», a noite decorreu tranquilamente, sob a chuva e o vento frio da serra. Esta manhã, recebida ordem para retirar, artilharia, cavalaria e infantaria prepararam-se para regressar aos quartéis e às 11.30 punham-se em marcha, terminando a ocupação de Monsanto.

O dr. Lopes de Oliveira está com os revoltosos

O dr. sr. Lopes de Oliveira fez ontem ao *Diário de Lisboa* as seguintes e desasombradas declarações:

—Li com espanto as declarações atribuídas por um jornal da tarde ao sr. dr. Gonçalo Casimiro, membro do Directório do Partido Radical. E tenho a opor-lhe o meu indignado protesto. O Partido Radical solidariza-se com todos os que procuram salvar o país, dando fim ao Baixo Império que nos domina, afrontosamente.

E acrescentou:

—Posso afirmar que não há nenhum verdadeiro radical que engente a camaradagem desses valentes que ontem perturbaram a comédia policial, montada em Lisboa, com um dos mais raros e imprevisíveis actos de audácia. Essa camaradagem é honrosíssima.

E, se a intriga não dividisse as esquerdas, e se o movimento houvesse encarnado politicamente em homens que estivessem à altura desses soldados, o movimento, secundado em todo o país, seria vitorioso.

A bandeira militar erguida em Almada tinha todos os esplendores: a intrepidez, a fé, o heróico civismo.

Da Cunha DIAS

Declarações dos chefes revoltosos

Os chefes revolucionários—dr. Lacerda de Almeida e Martins Júnior—falarão ontem a um jornal de tarde. Pelas declarações do primeiro os objectivos da revolução eram organizar um governo nacional, sem qual preocupação partidária; modificar o processo da eleição do parlamento e a sua função; pôr em prática vários princípios da *Democratie Nouvelle*, que se cifram na intervenção das classes socialmente organizadas na vida do Estado. O segundo, Martins Júnior, explicou os incidentes de Vendas Novas, lamentando que o alferes Delgado tivesse sido ferido, bem como o sargento Marques.

Vários pormenores

O nosso camarada Alberto Monteiro enviou à *Capital* uma carta que aquela gazeta não publicou fazendo-lhe apenas uma leve referência. A carta é do seguinte teor:

Sr. redactor.—A *Capital* de ontem refere-se a um civil Alberto Monteiro, que se encontra preso e incommunicado por ter tomado parte nos últimos acontecimentos revolucionários. Como quer que dessa notícia possa resultar eu vir a ser reconhecido como revolucionário civil pelo parlamento, honra a que não aspiro, e ainda em homenagem à verdade, peço a v. a fineza de declarar no seu jornal que essa notícia se não entende com o operário alfaite Alberto Monteiro, que agradece a publicação do exposto.—Alberto Monteiro.

Os subalternos da artilharia de Vendas Novas que se revoltaram e que foram presos, são os sargentos Pauleta, Rodrigues, Figueiredo, Espadinha e Amaral.

Dos civis, apenas foram presos seis—e esses mesmo durante a noite.

A última senha dos revoltosos—dada quando a derrota era evidente—foi *Três PPP*.

Na altura da rendição apareceu no campo de São Paulo um padeiro, pedindo o pagamento de 43 pães, na importância de 63\$00, comidos pelos revolucionários. Martins Júnior deu-lhe 60\$00.

—E vá, que estás com sorte, porque eu sou o primeiro revolucionário que paga o que requisita...

Ao hospital militar da Estrela apenas receberam o soldado 136, da 5.ª companhia, B. 1 da G. N. R., José Rodrigues Costa, que foi ferido na cara e no braço esquerdo, por estilhaços de granada.

O que se passou no Parlamento

O assunto foi debatido no parlamento. O sr. António Maria da Silva, triunfante, coçando a perinha histórica fez declarações à Câmara:

—Eu tinha ido acompanhar, diz o presidente do ministério, o chefe do Estado ao Porto, com aquele respeito que esse venerando (?) cidadão a todos nós merece. E foi nesse momento que determinadas pessoas quiseram forçar as portas da História promovendo uma sublevação que apenas merecia polícia correcção. As pessoas que se revoltaram cometeram o crime nefando de atirarem sobre uma cidade indefesa.

E depois estabelecendo já a intriguinha acrescentou:

—Afirmam eles que queriam fuzilar os homens do Angola e Metrópole. Mas, ao mesmo tempo, iam-se pondo à volta do quartel onde eles se encontram detidos. Suponho bem que fuzilados viríamos a ser nós, os que procuramos descobrir a tremenda falcatrua.

—Desejo saudar comovidamente o exército de terra e mar que em nada quis colaborar com a revolta. E afirmo bem alto o meu protesto contra a impunidade que têm disfrutado os criminosos desta espécie e que é um incentivo que serve a justificar a acção desorganizadora dos revolucionários de profissão.

Responderam-lhe de vários lados da Câmara. O sr. Ramada Curto:

—Já fixe a posição do partido socialista no capítulo desordens de caserna. O partido socialista censura as sedições milita-

res que perturbam o regular funcionamento do regime democrático. Mas não será da minha boca que sairão as palavras de ódio ou de represália para os vencidos de hoje.

E fecha:

—V. Ex.ª, sr. presidente do ministério, tem sido a pessoa que mais tem aproveitado com o caso do Angola e Metrópole.

A acção da Cruz Vermelha

Desde o início dos acontecimentos que a Cruz Vermelha esteve de prevenção acudindo aos feridos provenientes do bombardeamento de Almada, indo o seu pessoal debaixo de um chuveiro de estilhaços de granada buscar os feridos que os mesmos estilhaços fizeram na Calçada de Penafiel, dos quais os mais graves foram Amadeu Ferreira, que ficou sem o olho direito e Emilia Rosário de 10 anos, moradora no largo da Madalena, 1, ferida por estilhaços na perna direita, tendo ainda sido pensado e conduzido ao seu posto de socorros n.º 1, Anibal Patrocínio Manique, carteiro efectivo n.º 13-A na rua de São Julião foi colhido pelos fios dos telefones cortados pelas granadas que lhe fizeram inúmeras queimaduras no rosto, braços e mãos.

A's três e meia da madrugada, o comando das forças em operações pediu à Cruz Vermelha uma formação de pessoal e material de pensos e de transportes para uma hora depois seguir para a outra margem do rio e ali estabelecer o serviço de saúde das mesmas forças. A's quatro e meia embarcava no vapor «Vitória», no Cais do Sodré, o material suficiente para transformar este vapor numa enfermaria, dirigida pelo major médico dr. Francisco Seia e guard-nepida por enfermeiros e material indispensável, sendo as camas substituídas por macas, e uma coluna de transporte de feridos comandada pelo alferes Aguilhar, composta de um automoca e um pelotão de maqueiros. Este pessoal transportou ao Hospital da Estrela o soldado José Rodrigues da Costa, 136 da 5.ª, companhia da

G. N. R. e ainda os soldados Armando do Santos n.º 42 e Manuel Joaquim n.º 17 e 2.ª companhia da mesma guarda vieram conduzidos, para Lisboa no mesmo navio, por terem sido feridos quasi à queima roupa em Almada. A's dez e meia da manhã de ontem retirava para Lisboa o improvisado hospital estabelecido no vapor «Vitória», tendo a Cruz Vermelha tido ocasião de mais uma vez demonstrar que tem os seus serviços montados por forma a poderem ser utilizados com rapidez.

O estado dos feridos

E' satisfatório o estado dos feridos Amadeu Ferreira, de 19 anos, e sua irmã Lucinda Ferreira, que foram atingidos por estilhaços de granada na residência, rua do Conde de Penafiel, 28, sobreloja, os quais ontem foram transferidos da sala de observações, o primeiro para a enfermaria de Santo António e a segunda para a enfermaria de Santa Joana, do hospital de S. José.

No referido hospital, estiveram ontem, pelo meio dia, visitando os feridos o presidente da república, presidente do governo, ministros da guerra e marinha. Foram recebidos no Banco daquele hospital, pelos cirurgiões ali de serviço, drs. Amândio Pinto e Fernando de Lacerda.

Do comando geral da G. N. R. recebemos o seguinte comunicado:

«Tendo sido publicado alguns jornais que uma força da G. N. R. debandou por efeito de ter sido atacada a tiro pelos revoltosos e que o pessoal desta mesma guarda do posto de Almada se havia concentrado com os mesmos revoltosos na mesma localidade, para esclarecimento público e em testemunho da verdade, informo que tais factos são completamente destituídos de fundamento e que todo o pessoal da G. N. R. nas missões que desempenham para o restabelecimento da ordem, cumpriu com zelo e disciplina os serviços que lhe foram cometidos.»

Os consumidores de luz eléctrica abandonados pela Câmara Municipal

A Câmara Municipal no seu conflito com a Companhia do Gás esqueceu-se, por certo, dos embarços em que colocou muitos consumidores—exactamente aqueles consumidores que, de acordo com as suas determinações e seguindo à risca os seus conselhos, se recusaram a fazer o aumento da luz e dos contadores. Merece este gesto o nosso aplauso e se toda a cidade assim tivesse procedido a Companhia do Gás, mau grado as fortes protecções de que dispõe e apesar da audácia dos seus dirigentes, só teria um único caminho a seguir: curvar-se.

Mas assim não aconteceu e a própria Câmara Municipal estava inteiramente convencida de que uma grande parte dos consumidores obedeceria, ainda que de má vontade, à roubalheira ilegalmente posta em prática pela Companhia do Gás.

Há uma grande desconfiança da população por todos os poderes oficiais e municipais; ela não acredita nem na sinceridade das suas afirmações, nem na firmeza das suas decisões, recendo sempre que tudo acabe em bem, ficando bastante prejudicados os que acreditaram em conflitos que eram apenas passageiros arrufo.

Porém, em que situação ficam os que, mais confiantes e energéticos, mais corajosos e mais decididos, se recusaram a pagar a luz pelo preço que a Companhia pretendia e o aumento, tão excessivo como ilegal, de 300 % sobre o aluguel de contadores? A Câmara aconselhou-os a não pagar o aumento, recomendou-lhes a resistência, afirmou-lhes que ela estava dentro da lei. Depois toma a sua atitude bem conhecida de cassar o contrato à Companhia do Gás. O governo—como se sabe—interveio no assunto, aconselhando a Companhia a não interromper o fornecimento da luz eléctrica. A sua intervenção resumiu-se em consentir que ela continuasse roubando os consumidores, impondo-lhes o actual preço da luz eléctrica. A Câmara declarou desinteressar-se completamente do assunto, ficando o monopólio da luz inteiramente à vontade.

Novamente preguntamos: em que situação ficam os consumidores que aconselhados pela Câmara se recusaram a pagar os aumentos ilegais da luz e do aluguel de contadores? Se lhes cortarem a electricidade quem intervirá? A Câmara segundo se depreende das suas declarações não pensa em fazê-lo, visto ter resolvido desinteressar-se dos fornecimentos de gás e de electricidade. O governo? Mas o governo não sancionou até agora a atitude da Câmara e até parece não ter intenção de o fazer visto que consente à Companhia que ela continue roubando os consumidores.

Até agora ainda não se obteve resposta da Câmara a esta pergunta. É fácil inferir do seu silêncio que ela abandonou os consumidores à sua sorte, deixando-os sofrer as consequências de terem acreditado na sua força, na sua seriedade e na sua firmeza.

Segundo a combinação feita entre a Câmara e a Companhia os preços do gás e da electricidade deixariam de ser fixos e passariam a modificar-se consoante as oscilações cambiais o determinassem. Essa combinação afrouxou-se excelentemente à Companhia que se agarrava a ela, com febril entusiasmo, porque o câmbio apresentava tendências para subir—e subir muito. Enquanto a combinação foi uma excelente arma para ferir os interesses dos consumidores tudo correu pelo melhor no melhor dos mundos possíveis... Mas, quando inesperadamente o câmbio começou a descer a combinação passou a tornar-se execrável. A Câmara continuou a aplicar, fazendo descer os preços da electricidade de 1925 primeiro para 1944 e depois para 1914,7 durante o trimestre que termina no próximo mês de Março. Mas a Companhia bateu-lhe o pé e resistiu—até agora vitoriosamente. E que os potentados só respeitam os contratos quando eles lhes são favoráveis! Esta a moral da Companhia do Gás dirigida por «homens de bem» a quem Diogo Alves talvez não quisesse apertar a mão.

GRANDE SUCESSO

Belmonte.—Não temos facilidade de obter o livro que deseja.

AGENDA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	1	11	18	25	HOJE O SOL
S.	2	12	19	26	Aparece às 7,41
S.	3	13	20	27	Desaparece às 18,00
D.	4	14	21	28	FASES DA LUNAR
S.	1	15	22	—	L. C. dia 27 às 16,51
T.	2	16	23	—	Q. M. " 5 " 2,25
Q.	3	17	24	—	L. N. " 12 " 17,20
					C. C. " 19 " 15,30

MARES DE HOJE

Pratamar às 6,48 e às 7,08
Baixamar às ... e às 0,18

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid, cheque		2\$77
Paris, cheque		\$73,5
Suica, cheque		\$378
Bruxelas, cheque		\$89
New-York, cheque		19\$55
Amsterdã, cheque		7\$86
Itália, cheque		\$78,5
Brasil, cheque		\$292
Praga, cheque		\$58,5
Suécia, cheque		\$525
Austria, cheque		\$276
Berlim, cheque		\$366

ESPECTACULOS

TEATROS
Nacional.—As 21,15.—Mademoiselle Demónio.
Ginásio.—As 21,15.—Tia Andressa.
Rialto.—As 21,15.—A Taberna.
Friburgo.—As 21,15.—As Maravilhas.
Politeama.—As 21,30.—Não te melindres, Beatriz.
São Luís.—As 21.—A Moça de Campanhã.
Regência.—As 21,15.—O Pão de Ló.
Edu.—As 20,30 e 22,45.—As onze mil virgens.
Rialto Vitória.—As 20,30 e 22,30.—Foot-Ball.
Celsus.—As 21.—Uma companhia de circo.
A 14,30.—Matinée.
Júniata.—As 21.—Quem matou, um sermão familiar.
Século 20.—As 9,15.—Pom Pom.
Cinema El Víctimo (à Graça)—Espectáculos às 2,30 e 5,30, sábados e domingos com ematins.
Frente Fuzar.—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chiado Teatral.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tortoise.—Cine Paris.

CARNAVAL

Não aluguem V. Ex. costumes de máscara sem ver o sortimento todo novo do Moderno Guarda-Roupa.
LEITÃO
Telefone C. 2888
Rua do Norte, 83, 1.º

LA KABILINE

Tintas francesas para tingir em casa
Agentes em Lisboa:
G. Poumayou, L. da
ARCO DE JESUS, 3
(Ao Campo das Cebolas)
Sub-agentes no Porto:
Pinto de Faria & Filho, L. da
Rua do Bom Jardim, 766
Precisam-se sub-agentes em: Santarém, Coimbra, Figueira da Foz, Caldas da Rainha, Mora, Évora, Vila Viçosa, Faro e Beja.

ANILINAS

"JACOBUS"
De fabricação alemã
As melhores do mundo!
para tingir em casa toda a qualidade de tecidos e fazendas de seda, lã, algodão, rendas, cortinados, etc.
Únicos depositários gerais:
Sociedade de Produtos Químicos, L. da
Em Lisboa: Campo das Cebolas, 43, 1.º
No Porto: Rua 31 de Janeiro, 171, 1.º

Companhia Nacional de Navegação

Saídas em fevereiro de 1926

Dia 5, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e Oriental, o paquete
LOURENÇO MARQUES
Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete

AFRICA

Saídas em Março

Dia 1, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e Oriental, o paquete

ANGOLA

Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete

PEDRO GOMES

Aviso importante.—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA.—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO.—Na sua Sucursal, rua da Nova Alameda, 34.

FATOS completos e sobretudos

em bom cheiro e com bons laços e bom acabamento, para homem, desde impermeáveis para homem com cinto e capuz: 129\$00
Em oleado, castanho, 149\$00
Duas faixas gabardine e oleado para vestir dos dois lados, coto, preto e bege, 245\$00
Duas faixas para vestir dos dois lados, castanho e bege, em lã, 428\$00
Em gabardine preta de lã, padrão de oficial de marinha, 380\$00
Imitativo de camurça e cabedal, modelo para automóvel, 400\$00
Impermeáveis para senhoras com cinto e capuz, 129\$00
Em lã, 225\$00

Descontos para revenda
Para a provincia remetemos catálogos com amostras a quem pedir
170, Rua da Boa Vista, 172
Rua do Amparo, 36

NAO SOFRAM MAIS!



— Usem HERPETOL para as —
doenças da pele (=)
Um das gotas deste medicamento acalman o fazer por completo desaparecer a comichão.
O HERPETOL é a realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, OROSTAS, ARDENCIA NA PELE E MORDIDAS DE INSETOS.
Instantes depois da aplicação, o paciente vê com regozijo sintomas de restabelecimento.
A CURA É CERTA, em todos os casos um só frasco é suficiente para uma cura. Se sofre, compre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.
DEPOSITOS:
LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

Valério, Lopes & Ferreira, L.º
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundidos para cadeiras, — guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
84, R. DO AMPARO, 86—LISBOA— TELE: 3930, M. GRAMER, FERRAGENS

FERRAGENS E FERRAMENTAS
CUTELARIAS E TALHERES
LOUÇA ESMALTADA
GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS
REDE E PREGARIA
Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralleiros, etc., etc.
VIANA, REIS & NUNES, L.º DA
FOLES, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS
31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES
Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSALIS pagos enquanto for vivo.
Operários, trabalhadores, sede previdentes para as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em
A MUNDIAL
Companhia de Seguros
Sede -- Rua Garrett, 95 LISBOA
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL por-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

A VENDA A 9.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO
Interessante romance histórico, profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.
Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.
A obra mais barata que no género se publica
"Educação Social"
Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal
Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retózeiros, 125—LISBOA.
A venda na administração de A Batalha.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10% NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora 20\$00
Sapatos em verniz 28\$00
Botas pretas (grande saído) 48\$00
Botas brancas (saído) 48\$00
Grande saído de botas pretas 58\$00
Botas de cor para homem 48\$00
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outras casas.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é a rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filipe na mesma rua, 2.º qz.

Armazens do Poço do Borratém
Dias, Gonçalves & Dias, Limit.ª
Abriu este novo estabelecimento com um belo sortido de: Panos brancos e corés, especialidade da nossa casa, atalhados, colchas, riscados, cotins, camisolas, assim como lençóis, camisaria e gravataria, retrospectaria.
AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO
No vosso interesse visitai a nossa casa
37—Poço do Borratém—38

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de ofícios	
Galvanoplastia	18\$00
Motores de explosão	20\$00
Navegação	16\$00
Cimento armado	25\$00
Construção Civil	
Acabamentos das construções	16\$00
Alvenaria e Cantaria	13\$00
Edificações	13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações	13\$00
Materiais de construção	20\$00
Terraplanagens e alçobares	13\$00
Trabalhos de Carpintaria	16\$00
Diversas indústrias	
Condutor de Máquinas	20\$00
Fogoeiro	16\$00
Formador e estucador	12\$00
Fundidor	13\$00
Pilagem	16\$00
Indústria alimentar	12\$00
Indústria do vidro	12\$00
Elementos gerais	
Algebra elementar	13\$00
Aritmética prática	15\$00
Desenho linear geométrico	12\$00
Elementos de electricidade	30\$00
Elementos de física	12\$00
Elementos de geometria	12\$00
Elementos de Modelação	12\$00
Elementos de Projectos	16\$00
Elementos de Química	12\$00
Geometria plana e no espaço	13\$00
Fabricação de tecidos	13\$00
Mecânica	
Torno e Frazador mecânicos	15\$00
Desenho de máquinas	25\$00
Material agrícola	13\$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor	13\$00
Problemas de máquinas	16\$00

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS	
Eliseu Reclus — Anarquia e a Igreja	1\$00
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura	\$50
José Parat — A burguezia e o proletariado	\$50
A necessidade da Associação	\$50
Contente — Contra o confusãoismo	\$30
Alfredo Neves Dias — Razão (poema social)	\$50
Landauer — Social Democracia	\$30
R. Mela — O principio do fim	\$30
— A maçonaria e o proletariado	\$30
J. Most — Peste religiosa	\$50
J. Rio	\$50
Trovas da noite	1\$00
Definições sociais	\$50
O Cavador (teatro)	1\$00
Horas anárquicas (versos)	\$50
— Carnet de Pensamento	\$20
J. Bakunine — No sentido em que somos anarquistas	\$50
Chueca — Como não ser anarquista	\$50
B. Lazare — A Liberdade	\$50
J. Erevant — A minha defesa	\$50
Kropotkin	\$50
A mocidade	\$50
Os bastidores da guerra	\$50
Moral anarquista	\$50
O espírito revolucionário	\$50
J. Guedes — Lei dos Salários	\$50
B. Brand — A greve geral	\$50
Roland — Rússia Nova	\$50
— O sindicalismo e os intelectuais	\$50
D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário	\$50
A. Hamon — A crise do socialismo	1\$00
J. Santos — A transformação da sociedade	\$50
Neno Vasco	\$50
Georgicas	\$30
Greve de inquilinos, teatro	1\$00
Domela — Pátria e Humanidade	\$30
— Proletariado Histórico	1\$00
G. Archinot — A Revolução e o Sindicalismo	\$50
Carlos Rates — A ditadura do proletariado	1\$00
Emilio Chapellier — Porque não creio em Deus	1\$00
N. Lenine — A luta pelo pão	\$50
Rodolfo Rocker — O sindicalismo revol. e a organização operária	1\$00
Trotsky — Constituição política da República dos Soviéticos	\$50
G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermelha	\$50
C. de G. O. N. M. — Proclamação da consciência	\$50
José Torralva — La Revolution	1\$50
Leão O. Zeno — Problemas universitários	2\$00
La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura. Cada número	2\$00

Le a revista gráfica RENOVACAO

Poliolínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 93
Telefone N. 5353
Medicina: coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Fele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Leff—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—3 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Palma—3 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Mauro—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Romão—3 horas.
Eoca e dentes—Dr. Armando Lima—13 h.
Cancro e rádio—Dr. Cabral da Mota—4 horas.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha—4 horas.
Análises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Pedras Metal Auer

para isqueiros, assim como rodas e moedas, vendem-se no

Lata, do Conde Barão

Uma dúzia, \$40; 1 cento, 2\$80; mil, 25\$00

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

UNIAO
Só a grande loja de roupa anda tão bem. Não há lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal milhares de peças de roupa, visto que as lojas da União Tomate Feteira, Lda., rivalizam em preço e qualidade com as melhores lojas do Mercado. Experimentem, pois, as nossas limitadas e encontram a venda em todos os pontos estabelecimentos de roupa da União.

Menstruação
Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o **FERREOL**.
Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.
Envia-se pelo correio à cobrança.
FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Romance original de Mélinec, tradução de Sam. Meyer, 1 volume de 56 páginas	\$300
Tradução do original polaco de Nierzevski por B. Kuhl, com um prefácio de Antoni Grabowski, 1 volume	\$500
Selos de propaganda esperanta	
Muito artísticos, a oito cores e oito motivos, os nossos principais monumentos, nitidamente impressos. Cada coleção de oito Colados em album com o retrato de Zamenhof com legenda	\$25
Solo em português e esperanto, de Fluto	\$50
Monólogo de Paul Bihaud, tradução de Fernando Doré, 1 volume de 12 páginas	\$175
Stranga Heredado	
Mais um original de Layken, o feliz autor do Mirinda Amo. Romance interessante, aconchilhado pela crítica, 1 volume	\$1700
Vade Meum de Internacia Farmacia Por G. Rousseau, 1 volume de 233 páginas	\$3000
Vintaj Fabeloj	
De diversos autores, recomendado pela Esperanta Literatura Asocio	\$500
La Vangfrapo	
Comédia em 1 acto por Abraham Dryfuss, tradução de S. Sa, 1 volume de 52 páginas	\$400
Vivo de Zamenhof	
A vida do autor da lingua, com excelentes gravuras, edição de luxo, 1 volume de 109 páginas	\$2650
Viajo Interneto de M. Cambró	
Romance de Maistre, traduzido por S. Meyer, 1 volume	\$400
Vortaro Kabe	
Espléndido dicionário, só em Esperanto, mas compreensivo e remediando a falta do dicionário esperanto-português. Aconselha-se a sua aquisição. Este dicionário, com a Krestomatio, curso elementar e Bildo de la lingvo, faz parte da primeira bagagem do principiante. 1 volume encadernado	\$1200
A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.	

4-2-1926
OS MISTÉRIOS DO POVO
N.º 640
perecer ou renegar a sua fé. Enquanto a pronunciar-me sobre a oportunidade do momento da luta, se Deus queira que tal não suceda, ela houvesse de se travar... deixo essa decisão a quem seja mais experimentado do que eu... No momento de acção, os meus bens, a minha espada, a minha vida, estarão ao serviço da causa. Farei o meu dever, todo o meu dever.
Ambrosio Paré.—Cristo e as minhas obrigações profissionais me ordenam de conceder os meus cuidados aos nossos amigos e aos nossos inimigos; portanto, meus irmãos, só exponho palavras de paz. Sejamos inflexíveis na nossa crença; mas forcemos os nossos perseguidores a reconhecer a nossa moderação; cansemos a sua violência pela nossa paciência e pela resignação. Deixemos as espadas na bainha.
O visconde de Ploumnel.—A paciência também tem os seus limites!
A nossa resignação não tem durado bastante? não aumenta ela a audácia dos nossos inimigos? Queréis mais uma vez recorrer a humildes requerimentos? Seja, requiera-se, supliquemos novamente; mas se não responderem negativamente, então, levantemo-nos resolutamente contra os nossos inimigos.
Temos a maioria em várias cidades comerciais, em certas províncias, devemos repelir a força pela força. Os nossos inimigos recuarão perante a nossa atitude e farão justiça às nossas reclamações legítimas.
Quer-me parecer, que levar muito longe a nossa paciência seria expor-nos a ver dizimar cada dia o nosso partido; e chegada a hora do combate... ela chegará fatalmente... teremos perdido os nossos melhores soldados. Em resumo, tentemos uma última vez obter o livre exercício do nosso culto... Se o nosso pedido é recusado, recorramos às armas!
O príncipe Karl de Geroldstein.—Meus irmãos, sou estrangeiro, chego da Alemanha; assisti às lutas e ao triunfo da Reforma pregada pelo grande Lutero. Na nossa velha Alemanha, não se requereu nem se supliu: afirmou-se o direito de todo o homem em

pedir segundo a sua consciência; artistas, fidalgos, burgueses, disseram: «Não queremos sofrer o jugo da Igreja de Roma; e quem no-la quisesse impor pela espada, nós resistiríamos pela espada. A estas horas, a Reforma, na Alemanha, desafia os seus inimigos. A Alemanha não é a França; mas os homens são em toda a parte homens; em toda a parte a resolução chama-se a resolução, e as suas consequências são em todas as partes as mesmas. Nós devemos sustentar o direito pelas armas.
João Calvino.—Sr. Cristiano Lebreun, qual é a vossa opinião sobre o grave assunto posto em deliberação?
Cristiano Lebreun.—A história ensina-nos que pedir aos papas ou aos reis a reforma das superstições ou da tirania, é absolutamente inútil. Nunca a Igreja de Roma renunciou voluntariamente a idolatrias, a abusos que fazem o seu poder e a sua riqueza; nunca um rei católico, consagrado pela Igreja e apoiando-se sobre ela do mesmo modo que ela se apoia sobre ele, reconhecerá voluntariamente a Reforma. A Reforma nega a autoridade do papa; atacar o papa, é atacar os reis; derrubar o altar, é abalar o trono; todas as autoridades são solidárias. Que pedimos nós? Exercer pacificamente o nosso culto conformando-nos com as leis do reino. Mas as leis do reino proibem formalmente o exercício de todo e qualquer culto que não seja o culto da Igreja católica. Ou confessar a nossa fé e sofrer os rigores das leis; ou escapar-lhes abjurando; ou resistir-lhes pelas armas. Obteremos êxito de tolerância?
Não devemos esperá-lo. Mas ainda mesmo que êles fôsem consentidos, a nossa segurança não seria mais garantida por esse facto.
Um édito pode ser revogado. E' pois forçoso chegar fatalmente a uma destas três resoluções:—a abjuração, o martírio, ou a revolta.—O sangue dos mártires é fecundo; porém o sangue dos soldados que combatem pelo mais sagrado dos direitos também é fecundo... Não devemos, nem podemos, na minha

opinião, esperar pela autorização nem pela tolerância para o exercício do nosso culto.
Tarde ou cedo, levados ao último extremo pela perseguição, ver-nos-hemos na necessidade de repelir a violência por meio da violência. Encaremos esta terrível necessidade, mas digamos isto para descanso da nossa consciência: Talvez que a esta hora ainda dependa da Igreja de Roma e do rei de França, pôr um termo ao suplicio dos nossos irmãos, prevenir os males das guerras civis e religiosas; não é preciso mais do que um decreto concebido nestes termos:
Todo o cidadão pode, livre e publicamente, exercer a sua religião respeitando a crença alheia...
Esse decreto, tão justo e tão simples, consagrando a mais inviolável das liberdades, seria a solução equitativa e pacífica da questão religiosa.
Agora digei-me, parece-vos que seja bastante a nossa reclamação para que tal se consiga?
Os reformados.—O rei, o papa, os bispos, os padres, os frades, nunca aceitarão semelhante decreto.
Cristiano Lebreun.—Entretanto, para termos o direito pelo nosso lado, não hesitemos em fazer essa última reclamação. Se for recusada, recorreremos as armas e exterminaremos os nossos opressores. Pela insurreição conquistam-se sempre todas as liberdades!
João Calvino.—O nosso irmão Bernardo Palissy dar-nos-há o gosto de emitir o seu parecer?
Bernardo de Palissy, com delicadeza sincera.—Sou um pobre fabricante de vasos; mas como se trata de os quebrar resolutamente... segundo o parecer do nosso amigo artista de imprensa, contar-vos hei um facto que se deu comigo um dia destes.
Surpreendeu-me, como a todos vós naturalmente sucederia, que a religião evangélica, meiga, pacífica, resignada e caridosa, que nada pede para o seu pequeno rebanho, mais do que um modesto logar sob o sol do bom Deus, visse tão ferozmente perseguida essa insignificante ambição, por inimigos encarniçados. Como sou um pouco versado na alquimia, disse comigo mesmo: Quando para confeccionar os venizes, as

côres, os esmaltes com que guarneço os meus vasos, encontro uma substância refractária, que faço eu diante de tal facto? Submeto-a ao alambique, decompou-a, e assim reconheço os diversos elementos de que ela é composta. Pois agora passemos também pelo alambique os inimigos da Reforma, para descobriremos o que é que os torna tão refractários. Submeto primeiramente ao meu alambique filosófico o cérebro dum cônego, e pergunto-lhe: «Porque tens um ódio tão feroz à religião evangélica? — Ora essa! — me responde o cônego, — porque, sendo os vossos ministros pregadores e homens de ciência, as nossas ovelhas também haviam de desejar ouvir-nos pregar como sábios; ora, eu não sei pregar, e muito menos ler e escrever. Estou acostumado desde o meu noviciado a passar comodamente, a ser ignorante e preguiçoso, porque sustento a Igreja de Roma, que sustenta a minha ignorância, as minhas comodidades e a minha preguiça...»
«Depois desse frade, experimentei a cabeça dum abade. Essa não queria sujeitar-se ao alambique, saltitava, mordida, enraivecida se saltando negras blasfêmias vingativas, não querendo absolutamente que se lhe visse o conteúdo.
A-pesar-disso consegui analisá-la em diversas partes, a saber: primeiro a cólera negra e perniciosa; depois a ambição e o orgulho; os pensamentos homicidas que o nosso abade nutria contra os seus inimigos; depois do que reconheci que a sua soberba, a sua avareza, a sua vingança, o tornariam sempre refractário à humildade do Evangelho... Experimentei então um conselheiro do parlamento, o mais fino Gautier que havia; e depois de destilar este galanteador no meu alambique, observei que no seu ventre havia diferentes postas de monstruosos benefícios que de tal forma o engordaram, que não cabia em si. E eu vendo-o, disse-lhe:
— «Vem cá... Não é para conservar as tuas monstruosas postas de benefício que ousas processar os reformados? — Isto não é condenável?
— Qual condenável? me respondeu ele; — então

MOÇAMBIQUE EM PERIGO

A eloquência dos factos demonstra que a colónia portuguesa da Africa Oriental se está abismando em face da tirania e incompetência do Alto Comissário

A Batalha tem publicado cousas sensacionais sobre os acontecimentos de Lourenço Marques. Apontando factos e registando números, temos imparcialmente historiado o movimento social de Moçambique e o caos administrativo, a tirania barbafeia em que esta Província ultramarina foi lançada.

Estarraparam-se todas as leis. Da população laboriosa, uma grande parte geme nas masmorras do governo.

O Alto Comissário não suspendeu de direito as garantias constitucionais; mas suspendeu-as de facto, mandando prender a torto e a direito, rapazes, homens, velhos e até mulheres.

O terror, com todas as suas consequências, domina a população da Província de Moçambique. Não há liberdade de falar, não há liberdade de sentir, não há liberdade de escrever.

Os telegramas são censurados. As cartas também. A Lisboa chega apenas o eco daquilo que clandestinamente é remetido por Johannesburg, ou as palavras amargas dos que violentamente foram obrigados a seguir para Lisboa.

E de que assim é, basta apontar-se o facto de ter sido preso em Lourenço Marques, e conservado durante mais de 15 dias incommunicado, um indivíduo que fora ao Transval tratar um negócio de bananas, mas a quem os esbirros do Alto Comissário acusavam de ter ido a Johannesburg expedir telegramas.

O sr. Azevedo Coutinho, repudiado pelas populações que governa, sentindo-se perdido mas não querendo largar o lugar que lhe rende 20 libras diárias — muito mais do que o que recebe o presidente da República — ensaiou uma peça de grande estilo, confiado no espírito militar do sr. ministro das colónias.

Para cobrir a sua nefasta obra administrativa, inventou uma greve revolucionária. Inventou, é o termo rigoroso, pois além de ter sido ele que atirou para as colunas do «Boletim Oficial», contra a expressa opinião dum ex-governador cheio de relevantes serviços à Província — uma reorganização absurda, farrasosa, detestável, que aos grandes distribua em bode, enquanto atirava o operariado para a miséria — foi ele que implantou, pela primeira vez, na capital de Moçambique, a tirania e o terror, o atropelo e a ilegalidade, fazendo conduzir às prisões do comissariado de polícia, aos porões do «Polana» e às casamatas da carreira de tiro, centenas de homens que outro crime não haviam praticado senão largar ordeiramente o serviço no dia em que souberam que o governo, cortando-lhes regalias antigas, pretendia aniquilá-las pela fome.

Por um salto da composição na entrevista que publicamos, não se pôs bem a claro, em poucas palavras, o que tem sido a administração perdulária do sr. Azevedo Coutinho.

Imagine-se, porém, que o Alto Comissário, de 15 de Novembro de 1924 a 15 de Novembro de 1925, só com o funcionalismo, — o antigo e o que criou com vencimentos excessivos, — aumentou as despesas de Moçambique, em 576.205-00-00.

Para Londres levou uma verdadeira corte, quando, em busca dum empréstimo, para lá foi e por lá se demorou quasi 4 meses, gastando a Colónia nada menos de

FESTAS ASSOCIATIVAS

Trabalhadores do Tráfego

Realizou-se no passado domingo a sessão solene comemorativa do 2.º aniversário do Sindicato dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa. Fizeram-se representar os seguintes organismos: Operários Alfaiates, Socorro Vermelho, Arsenal de Marinha, Federação das Juventudes Sindicistas, Empregados da Exploração do Porto de Lisboa, Confederação Geral do Trabalho, Litógrafos e Anexos, Federação da Construção Civil, Grupo Dramático Solidariedade Operária, Sindicato Único da Construção Civil, Federação do Livro e do Jornal, Serventários da Alfândega, Federação Vinícola, Juventude Sindicista de Lisboa, Câmara Sindical do Trabalho e a nossa companheira operária dos Tabacos Virginia da Conceição.

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo, por entre vivas à organização operária internacional, à C. G. T. e à Batalha.

No final foi tirada uma subscrição para os presos por questões sociais.

CONFERÊNCIAS

Na secção da Universidade Popular Portuguesa de Setúbal

O dr. sr. João Camões realiza no próximo domingo, pelas 14 horas, uma conferência na secção da Universidade Popular Portuguesa de Setúbal, inaugurando assim os trabalhos educativos que a mesma secção realiza no corrente ano.

Por motivo da perturbação causada pelos últimos acontecimentos, não se realizaram as conferências anunciadas para ontem pela Universidade Popular Portuguesa. Efectuar-se-ão na quarta-feira da próxima semana.

Secção Telegráfica

Federações

CALÇADO, COUROS E PELES

Porto. — Sindicato Único do Calçado, Couros e Peles. — Recebemos officio e já enviámos expediente, encomenda postal, em 29. Digam se receberam.

Beja. — Sapateiros Bejenses. — O officio foi enviado ao sindicato.

Faro. — Sapateiros. — Segue expediente,

O ESTADO E A REVOLUÇÃO

A FUNÇÃO DO ESTADO

Se, por um impossível, uma noite, alguma boa fada segasse dum só golpe o canteiro governamental, onde a flor conservadora entreabre o seu cálix em companhia da violeta clerical e do dente de leão autoritário, o ano, sem dúvida, teria perdido a sua primavera, porém, a França teria conservado a totalidade das suas riquezas naturais e artificiais e os braços que a fecundam se achariam igualmente dispostos a executar o seu trabalho diário.

Que se teria, pois, transformado?

Isto:

Como quer que o governo não poria já os seus gendarmes em um dos pratos da balança — o que falseia e quebra todos os equilíbrios —, as forças sociais tomariam a sua posição legítima e o seu livre exercício.

Haveria igual número de trabalhadores para produzir, de campos para semente, de minas para explorar e de fábricas para fazer funcionar. Haveria, também, igual número de estômago para saciar, de corpos para vestir, pares de pés para calçar, porém, haveria além disso liberdade absoluta de associação e agrupamento. De modo que, não diminuindo a produção e o consumo e havendo aumentado a liberdade, o acordo e o equilíbrio se estabeleceriam materialmente, sobre o terreno da justiça.

Muitas vezes se tem comparado a actual sociedade a uma pirâmide invertida que repousasse sobre a sua aresta e olhasse o céu com a sua base.

Ora, pois como esta posição é tão contrária ao temperamento do homem, que é contrário ao temperamento de Mac-Mahon numa República, ao temperamento de Gambetta cumprindo os compromissos contraídos em Beleville, e ao temperamento dum general bonapartista obter a menor vitória sobre os prussianos, preciso é admitir que uma força qualquer mantém violentamente um estado de coisas em tão completa contradição com o bom sentido como com as leis da estática.

Bastaria, pois, suprimir esta força para que a pirâmide voltasse sobre a sua base, por virtude das leis naturais da gravidade. Qual é esta força?

O Estado apoiado sobre a Unidade e a Centralização.

Suprimido o Estado e a sociedade, longe de desmantelarse, encontraria a sua base e entrariam imediatamente na lógica e na verdade, o mesmo que é dizer na justiça.

Sendo, de facto, o homem um ser social e todos os homens solidários pela comunidade de certo número de interesses, necessidades, paixões e sentimentos, em nada se necessita do Estado para os unir sobre semelhantes casos. Eles mesmos se unirão espontaneamente.

A função do Estado começa onde a união legítima e voluntária cede o passo à unidade fictícia e forçada, à centralização autoritária e despótica. Entre a sociedade organizada sobre as leis da autonomia federal e a sociedade actual, há a diferença que separa um rebanho de carneiros encerrados sob o cuidado do pastor e os dentes do cão, de uma dessas tribos de pombas que vemos percorrer o espaço, independentes e, no entanto, associadas.

E' que, em verdade, da União espontânea à Unidade forçada e da autonomia à escravidão há um abismo.

Tanto quanto uma produz de bom, produz a outra de máu.

A União é o pacto, por virtude do qual certo número de indivíduos — seres morais ou materiais — estipulam em plena liberdade e completa independência um contrato pelo qual, dada a sua identidade de interesses e necessidades, aspirações e fins, unem os seus esforços e conjugam a sua acção.

Esta união refere-se somente a uma comunidade de interesses imediatos, ou seja verdadeira conformidade ideal, quer seja política ou social, e não deve ir mais além.

Subentende-se, que para todo o restante se é livre e que cada individualidade — colectiva ou não — conserva a direcção de si mesmo.

A unidade, sem a qual o Estado não poderia existir, é, pelo contrário, o estrangulamento de todas as iniciativas sob o nível governamental.

Sacrifica-se-lhe quasi sempre mais do que se recebe, posto que cada um dos grupos naturais que a compõem se vê sufocado, submergido pelo imenso número dos restantes grupos e cada personalidade, cada personalidade parcial suporta por sua vez o peso total da massa inteira.

Com a unidade, ninguém conserva a liberdade dos seus movimentos, a possibilidade de desenvolver-se sem arrastar a universalidade daqueles a quem se haja amarrado como escravo a uma cadeia.

E' a história de Paris, que, cada vez que tenta um esforço para o porvir e para o progresso, se vê retido e derrubado pelo peso imenso da França inteira, desajustada, ilustrada e amadurecida para o ideal desejado pela capital.

E' a história de todas as grandes cidades da França, de todos os centros inteligentes e revolucionários, obrigados a marcar passo no mesmo lugar, porque há vinte milhões de camponeses que ainda não têm nenhuma ideia política e social.

Quem não é capaz de compreender que fraccionado o peso, seria evidentemente muito mais fácil levá-lo e, finalmente, reduzi-lo a zero para maior benefício de todos e de cada um?

Unidade, Estado, Governo, eis aqui três monstros que entre si se completam e nos devorarão um dia se antes não conseguirmos desembarçarmo-nos deles!

Quando pedis, trabalhadores, ao Estado que vos deixe em franca liberdade e não se ocupe de vós, traçais o programa do porvir, indicais a via de salvação, essa via pela qual deverá passar a revolução e que os homens de 1871 regaram com o seu sangue. Porém, se estais resolvidos a passar sem governo, o governo está disposto a não passar sem vós, quer dizer, a continuar confundindo-vos com a sua regulamentação, sua vigilância e sua protecção e como ele tem a força, estais à sua mercê.

O obstáculo, o verdadeiro obstáculo, reside ali e em nada mais do que ali.

E seria em vão que se esperasse resolver nenhuma das questões apresentadas pelo presente século, antes de haver resolvido esta questão do Estado, antes de haver recolhido francamente entre o governamentalismo e a autonomia, entre a Unidade e a Federação.

Artur ARNOULD

(Dos Tiempos Nuevos)

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, com a presença de todos os seus membros.

COMUNICAÇÕES

Operários alfaiates. — Reunio a nova direcção, sendo-lhe conferida posse pelo presidente da assembleia geral e resolveu que as suas reuniões semanais sejam às 2.ªs feiras, às 21,30 horas.

Não tratou de outros assuntos em virtude de a direcção transacta não ter comparecido, ficando para a próxima segunda-feira a transmissão dos haveres do sindicato e bem assim dos assuntos em curso, não devendo faltar nenhum dos componentes da direcção cessante.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — Em conformidade com uma resolução do ultimo congresso corporativo, com o fim de ratificarem as actas, reuniram-se ontem os delegados dos seguintes organismos que foram ao congresso: Secretariado, Compositores, Impressores, Litógrafos e Liga de Santarém. Como se constata a falta dos delegados dos Encadernadores e Vendedores de jornais, resolveu-se adiar a reunião para a próxima segunda-feira, às 18 horas em ponto.

O secretariado resolveu que o livro das actas fique à disposição dos delegados que o queiram consultar.

União Ferroviária do Porto. — Efectuou-se uma concorrida assembleia geral para tratar da nomeação dos corpos gerentes para o corrente ano; das demarches effectuadas em Lisboa pela comissão de melhoramentos, dos trabalhos realizados pela comissão nomeada na ultima assembleia geral para cuidar da situação dos reformados, regulamento da caixa, etc.; do relatório dos delegados ao Conselho Federal, e de outros assuntos vários.

Presidiu Abílio Ferreira dos Santos, que teve a secretariação Carlos Guimarães e Manuel Pinheiro.

Alfredo Botelho de Araújo, em nome da comissão da escolha dos novos corpos gerentes, apresentou a respectiva lista.

Carlos Guimarães discordou da inclusão do seu nome, devido à forma como a lista está confeccionada.

Joaquim Vicente igualmente manifesta a sua discordância, afirmando que nem todos os indicados aceitarão os seus cargos. Alvir para que a eleição seja antes feita por escrutínio secreto.

José Pinto dos Santos, Manuel Pereira e Belmiro Pereira concordam que Mateus Vieira deve ficar como secretário da direcção. Menezes Leite dá, em nome da comissão de escolha, diferentes esclarecimentos sobre a razão que a levou a incluir na lista o nome de Mateus Vieira como vogal.

Mateus Vieira entende que a U. F. V. carece de um secretário administrativo e de um secretário geral que saibam desempenhar a missão da hora presente — cargos que não pode aceitar em consequência de ter outros na Biblioteka.

Por fim, é aprovado este documento: «Atendendo que esta assembleia geral é insufliciente para resolver a nomeação dos novos corpos gerentes para o ano de 1926, a assembleia resolve que a eleição seja feita por escrutínio secreto.»

Alfredo Botelho e Cristóvão Menezes Leite historiam largamente todas as diligências effectuadas, junto do ministro e do adjunto do administrador geral, sobre os assuntos que, quer pelo conselho técnico, quer pela consideração da classe que a última hora lhes confiou essa espinhosa missão, foram encarregados de tratar em Lisboa.

Francisco Pinto, também da aludida comissão, corroborou tudo quanto aqueles seus dois camaradas disseram, acrescentando que ainda nada se conseguiu de definitivo porque parece tratar-se de um jogo de empurra do administrador para o director e vice-versa. Ainda não foram ao director para se resolver a questão do pessoal eventual, pagamento dos três meses, etc., em virtude dele se não encontrar no Porto. Quanto ao pagamento das gratificações, a Comissão afirmou que ele deve ser para todos. O contrário não é justo e a classe ferroviária repudia.

Sobre a situação dos reformados, usou da palavra Florencio Soares Dias, o qual, depois de dizer que faltam os seus outros dois colegas da Comissão, comunicou que ainda nada está concluído, aguardando-se a resposta do ministro que os nossos delegados do Sul e Sueste, encarregados de lá ir, ficaram de transmitir — mas que até ao presente não chegou. Relatadas todas as demarches com o ministro e com o adjunto do administrador, e salientando o facto do administrador geral se recusar sistematicamente a receber comissões — exortou a classe a movimentar-se mais energicamente, pois só uma forte agitação é que poderá fazer reflectir os do alto.

Menezes Leite estigmatizou o insólito procedimento do administrador geral: só pela cobardia da classe é que ele se encontra à frente dos caminhos de ferro do Estado. No entanto, a classe já se vai agitando, pois assistiu a uma reunião dos seus colegas da repartição, onde foi aprovada uma moção de protesto e nomeada uma comissão para se avistar com a direcção da U. F. V., a fim de se acordar na realização duma sessão magna de toda a família ferroviária.

Manuel Pinto, reformado, exterioriza os seus desejos de que a U. F. V. procure modificar os intentos do administrador, estabelecendo-se um dialogo entre o orador e Florencio Soares.

Depois de Alfredo Botelho fazer algumas acclamações, Artur França apresentou o seguinte documento, que foi aprovado: «A classe reitera a confiança aos delegados para tratarem, com afino, deste caso, devendo-se enviar telegrama ao Sindicato do Sul e Sueste, solicitando a resposta do ministro que ficaram de enviar.»

A seguir, foi lido o relatório dos delegados à Federação, o qual tratava desenvolvendo a acção dos delegados dentro do Conselho Federal, do lamentável conflito existente entre a Comissão administrativa da C. P. e a Comissão executiva da Federação, da reunião pública no teatro Gil Vicente, da solidariedade a prestar aos deportados de Lourenço Marques e da orien-

tação do jornal A Batalha nestes ultimos tempos.

Feitas varias considerações contra a campanha derrotista sustentada pela C. A. da C. P., o relatório foi aprovado por unanimidade, entrando-se nos assuntos varios.

Foi lida uma declaração de Adriano Monteiro, pela qual se verifica que se estivesse presente a esta reunião interrogaria a C. A. da U. F. V. acerca do seu ultimo manifesto — com cuja doutrina não concorda — a fim de saber se todos os seus membros o perfilham. Protesta contra algumas passagens, que as reputa impróprias dum sindicato operário.

António Fernandes Barreira discorda da declaração por ela não citar quais as passagens incriminadas.

Joaquim Vicente disse não trazer procuração de Adriano Monteiro para defender o seu documento. Como, porém, está inteiramente de acordo com ele, não pode deixar de aplaudir, citando as passagens do manifesto que repudia e referendo-se à força própria da classe e ao triste apelo aos deputados.

Carlos Guimarães, entre outras considerações, condenou a parte do manifesto que se refere à greve da classe. Não fez parte do «comité», mas reconhece que a perda do movimento não foi devida à sua orientação, mas sim por culpa dos politicos e à falta da hegemonia na classe ferroviária. Associa-se, portanto, à declaração de Adriano Monteiro.

Falaram ainda Diogo Alberto, Alfredo Botelho, que justificou as razões porque foi publicado o manifesto, e Mateus Vieira, que declarou não conhecer a sua doutrina, senão não o deixava passar sem o seu protesto.

Adrião Ferreira dos Santos referiu-se à fusão da Associação do pessoal administrativo com a U. F. V., à entrega dos seus haveres e ao pagamento, pela U. F. V., das dividas existentes, lembrando que existe um elemento dessa colectividade que se encontra desemboçado de determinada importância. Apresentou uma proposta para que a C. A. da U. F. V. fique autorizada a pagar todas as dividas logo que receba todos os haveres da extinta associação. Propoz também, sendo igualmente aprovado por unanimidade, para que se nomeasse uma comissão encarregada de se avistar com os ex-gerentes da dita colectividade, convidando-os a entregar todo o Devo-Haver — recaindo a nomeação nos seguintes camaradas:

Cristóvão Menezes Leite, Mateus Ramos Vieira e Alfredo Botelho.

Joaquim Vicente aludiu a uma noticia inserta no jornal de Noticias acerca duma reunião do pessoal de repartições, convidando Menezes Leite a dar explicações sobre a mesma. Menezes, elucidando a assembleia do ocorrido, declarou que não fôra deliberado dar qualquer prenda ao ex-administrador geral Rosa Mateus e que foi aprovada uma moção, que lê, no sentido da U. F. V. convocar uma assembleia magna de toda a classe.

Francisco Pinto, Carlos Guimarães e Artur França, referindo-se à noticia da oferta da prenda, asseveraram que ela alguns visos de verdade traz, achando isso uma coisa imprópria.

Mateus Vieira disse serem boas as intenções do pessoal dos escritórios em reunir e aprovar a moção. E' de opinião, portanto, que esta assembleia a reforçar — deliberando-se efectuar uma reunião magna da classe, para a qual foram convidados a assistir a imprensa, o Sindicato do Sul e Sueste e a Federação Ferroviária, por delegados directos.

A reunião terminou às 24 horas.

S. U. Mobilário. — Por lapso passou que na festa comemorativa deste Sindicato foi tirada uma quete que rendeu 36\$50 para os presos por questões sociais.

Rurais de Ervedal. — Reunio no dia 31 de Janeiro p. p. a comissão encarregada de angariar donativos para pagamento da sede do Sindicato, registando mais os seguintes donativos: Rurais de Via Glória, 10\$00; Rurais de Sousel, 16\$40. Aos sindicatos e camaradas que tenham em seu poder bilhetes para o sorteio dum relógio de prata, a comissão lembra a conveniência de não demorarem a venda, ao mesmo tempo que convém enviarem as importâncias que por ventura possuam, a fim de não embarçar a missão da comissão.

S. U. da C. Civil do Porto. — Tomou posse a nova comissão administrativa que distribuiu, entre si, os cargos da maneira seguinte: secretário geral (interno) António Inácio Martins; secretário adjunto, Abílio de Oliveira; secretário administrativo, Joaquim Fernandes de Sousa; tesoureiro, Domingos de Sousa; arquivista, Laurentino Novais; vogais, Francisco Portela e Domingos José Barbosa. Delegados à Câmara Sindical de Trabalho, José Ribeiro Dias.

Resolveu saldar todos os construtores civis e protestar contra as violências governamentais.

A comissão administrativa reúne hoje para dar andamento a varios trabalhos.

Ferrovários do Sul e Sueste. — Reuniram em 29 do mês transacto em assembleia geral os ferroviários do Sul e Sueste. Por Alfredo Pinto e Ramos Palermio, foi dada conta à assembleia da forma como decorreram as assembleias da linha, que foram convidadas, à excepção da de Faro, tendo sido sancionadas as deliberações da Assembleia geral efectuada no Barreiro em 23, que elegeu a nova Comissão Administrativa e resolveu que as restantes comissões fossem eleitas pelos novos corpos gerentes.

Foi discutido um officio enviado pelo Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército à assembleia geral, lamentando não ter sido convidado a assistir à sessão e demais festejos pelo aniversário do Sindicato do Sul e Sueste. Neste sentido foi, por maioria, aprovada uma moção apresentada por Bernardino Xavier com as seguintes conclusões:

«Manter integras as relações sindicais da classe ferroviária do Sul e Sueste com a classe dos Arsenalistas do Exército, dentro do mesmo grau de solidariedade, estima e consideração, em que aquela classe tem mantido essas relações desde há anos, sem a mais leve perda do direito de cada um dos seus organismos sindicais seguir a orientação que as respectivas assembleias gerais, ou congressos corporativos, lhes demarquem no movimento operário nacional e internacional»

Que desta moção seja, pela mesa da assembleia geral, enviada cópia ao Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército.

Foi ainda aprovado um aditamento àquella moção do teor seguinte:

Que nas resoluções da moção sejam incluídos todos os organismos operários que não foram convidados, tenham eles as tendências que tiverem, visto que a classe ferroviária do Sul e Sueste ainda não marcou uma tendência ideológica.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:
Impressores Tipográficos. — Pelas 19 horas a direcção e os eleitos para os novos corpos gerentes e delegacias, a fim de tomarem posse.

S. U. Mobilário. — Pelas 20 horas, a comissão administrativa com os cobradores para liquidar contas.

DIAS PRÓXIMOS:
S. U. Mobilário. — A-manhã, pelas 20 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: Apresentação do relatório da comissão revisora de contas, da comissão administrativa, apreciação e salda do jornal Operário do Mobilário e assuntos diversos.

Federação do Calçado, Couros e Peles. — A comissão revisora de contas reúne amanhã pelas 21 horas.

JUVENUTDES SINDICALISTAS
Comissão Organizadora do II Congresso Nacional. — Reúne hoje, pelas 22 horas.

Núcleo de Lisboa. — Secretariado Central. — Reúne hoje, pelas 21 horas.

Assembleia geral. — Reúne amanhã, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Apreciar e resolver sobre alteração das bases orgânicas do Núcleo;
Apreciar e resolver sobre aumento de cota de sócios efectivos e auxiliares;
Apreciar e resolver sobre um parecer de «Solidariedade»;

Comunicações do Secretariado Central; Relatório moral do Secretariado Central; Assuntos diversos.

Núcleo do Porto. — Reúne hoje, pelas 20 horas, na sua sede, rua de Entreparedes, 33, 1.º, os eleitos para os novos corpos gerentes, a fim de tomarem posse.

O aniversário de A BATALHA

Continua a comissão promotora das festas de homenagem à Batalha a desenvolver a necessária actividade para a realização do festival que terá lugar durante os dias 24, 22 e 23 do corrente.

A comissão conta já com elementos de reconhecido valor, devendo o programa definitivo ser tornado publico dentre de breves dias.

A comissão volta a reunir hoje novamente às 21 horas para prosseguimento dos trabalhos.

Reunião importante
Previnem-se todos os camaradas e organismos que estavam convidados para uma reunião que devia ter lugar ontem, para apreciar um assunto de grande importância, que a mesma ficou transferida para o próximo domingo, 7 do corrente, pelas 14 horas, no mesmo local.

Que ninguém falte.

Prevenção
O Sindicato da Indústria de Conservas de Peniche previne todos os organismos operários de que não devem conceder solidariedade moral e material a Segismundo Mauricio. Este individuo trahiu a classe naquella vila oferecendo-se para trabalhar por baixo preço e originando o despedimento dum operário.

OS QUE MORREM
Alberto Assis dos Santos
Faleceu ontem Alberto Assis dos Santos, operário tipográfico, que há muitos anos trabalhava na officina sindical da Associação, saindo o préstito fúnebre, hoje, pelas 12 horas, da rua Ferreira Borges, 17, 1.º, para o cemitério de Bemfica, sendo o acompanhamento a pé.

Maria Marques
Realiza-se hoje o funeral de Maria Marques, de 21 anos, que succumbiu aos estragos duma pertinaz doença. A falecida era irmã de Manuel Marques, actual secretário geral do Sindicato dos Operários Chapeleros. O préstito fúnebre sai hoje, pelas 13,30 horas, da Calçada do Combro, 38-A, sobreloja, para o cemitério da Ajuda.

A direcção da Cooperativa dos Chapeleros A Social convida os seus consócios a incorporar-se no funeral da irmã do seu consócio e ex-presidente Manuel Marques, que se realiza hoje.

Um sublocatário insaciável
Para assunto muito importante, convidamos a comparecer na nossa redacção, hoje, pelas 21 horas, o sr. Eurico Freire Rebcho, a fim de tratarmos da local que, com a epigrafe acima, publicamos, referente à exploração de um sublocatário do prédio n.º 78, 4.º e não 67 como por lapso disse-mos.

IMPRENSA
«O Globo»

Dentro de poucos dias começa a publicar-se um novo semanário illustrado com o título O Globo. O novo jornal que é impresso a duas cores, publicará em cada número interessantes contos de aventuras, narrativas de viagens, reportagens de sensação, sport, etc.